

# O PANGLOSSIANISMO DO NEGACIONISMO CIENTÍFICO: A EMERGÊNCIA CLIMÁTICA NO MELHOR DOS MUNDOS POSSÍVEIS

Por: **Vladimir de Sales Nunes**

Discente de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Vale do São Francisco.  
Diretor Presidente da PRESERVE JR. - Empresa Júnior de Ciências Biológicas da UNIVASF.  
E-mail: vladimir.nunes@discente.univasf.edu.br

Em seu livro “Cândido” (Candide), o escritor francês Voltaire expressa de maneira engenhosa e caracteristicamente ácida o seu absoluto desprezo pela ideia do “melhor dos mundos possíveis”, expressão cunhada por Gottfried Wilhelm von Leibniz, matemático e filósofo alemão.

A ideia de Leibniz propõe que, sendo Deus onisciente (tudo sabe), onipotente (tudo pode) e infinitamente benevolente, e tendo Deus criado este mundo, quando poderia ter criado outros, este mundo (a Terra) é, portanto, o melhor dos mundos possíveis. Dessa forma, o mal existiria unicamente de maneira a criar a necessidade do bem. Ademais, sendo este o melhor dos mundos possíveis, tudo o que nele acontece, de bom ou de mau, acontece da melhor forma possível.

Em “Cândido”, nome que se refere ao protagonista da obra, Voltaire ironiza as desventuras de um jovem inocente e seu mestre, o professor Pangloss, arquétipo do otimismo que tudo justifica de acordo com a ideia do “melhor dos mundos possíveis”. É assim que Pangloss, ao contrair e ser desfigurado pela sífilis, por exemplo, explica a Cândido que sua lamentável condição de saúde é, na verdade, uma recompensa por incontáveis noites deleitosas de amor, não podendo os eventos terem sucedido de outra maneira que aquela que, de fato, ocorreu.


Assim posta, a teoria do otimismo de Leibniz parece uma pitoresca concepção arcaica utilizada (e de fato foi) para manter o *status quo* de antigos sistemas exploratórios. Não surpreendentemente, a ideia de que as coisas “são como devem ser” por vontade divina foi por muito tempo utilizada pela

Igreja e por monarquias absolutistas para justificar a permanência de nobres e outros grupos privilegiados nos espaços de poder. Contudo, não é raro encontrar o mesmo argumento em dias modernos, principalmente em alguns segmentos religiosos mais conservadores ou em certos discursos políticos.

Nessa mesma linha de pensamento, se os detentores do poder se valem do panglossianismo para se perpetuarem ao mando, alguns oprimidos se valem da mesma ideia para justificarem a si próprios e a outrem sua posição subalterna (com exceção daqueles oprimidos que, como alertava Paulo Freire, sonham em se tornar opressores). É dessa forma que o otimismo de Leibniz passa do simples conformismo para a verdadeira inação, ceifando o indivíduo tanto de pensar contrariamente à sua própria realidade infeliz quanto de, de fato, atuar para alterá-la.

Essa inação é tão significativamente nociva que, em condições extremas, encontra terreno fértil para a destruição de direitos ou de pessoas, quando não do próprio planeta. Explico. O indivíduo ou grupo que silencia frente ao errado e se conforma por verdadeiramente crer que as coisas não poderiam ser de outra forma acaba por permitir que absurdos se concretizem. É assim que, por exemplo, a isenção ou neutralidade política podem levar à extinção de direitos consolidados, à morte da liberdade de expressão e da própria democracia, ou à mesmo a destruição de pessoas.

Contudo, deixando para um outro momento as consequências humanas do panglossianismo,



foquemos em uma que é muito menos abordada e nada menos nociva: seus efeitos no meio ambiente. É assim que, por abstermo-nos de pensar e atuar para alterar a realidade gravíssima de destruição do meio ambiente em escala global, contribuímos para a cadeia de eventos que levarão, se não revertidos, à destruição do próprio planeta.

Certa vez, há alguns anos, conversei com uma dupla de proselitistas religiosos em uma praça. Na conversa, eles me explicaram que os membros de seu grupo (uma grande denominação religiosa que não convém citar) se abstinham de participar em qualquer atividade política por duas razões: primeiro porque acreditavam que os líderes políticos eram estabelecidos por influência divina e, segundo, porque uma vez que aguardavam o fim do mundo, nada do que fizessem iria efetivamente mudar nada, já que este mundo seria tornado melhor por intervenção divina. Pangloss *incarnatum*.

Aqueles cidadãos talvez olvidassem que a inundação dos oceanos com plásticos, a poluição atmosférica que destrói a camada de ozônio, a eutrofização de corpos d'água, o desmatamento e eventos climáticos semi-apocalípticos não existiram desde sempre: nós, humanos, os causamos com nossa exploração absurda e inconsequente dos recursos deste planeta. Se Deus criou este mundo, os humanos se encarregaram de destruí-lo, mas apenas estes têm o poder de consertá-lo ou de padecer com ele.

Esse encontro com a referida dupla me vem à mente sempre que leio notícias de catástrofes ligadas a eventos climáticos e alertas da comunidade científica sobre o apocalipse climático que nos aguarda (a todos, sem exceção) se continuarmos a fazer pouco ou nada para reverter

a devastação da biodiversidade, a utilização de fontes não-renováveis de energia e a emissão de gases do efeito estufa.

Nos últimos anos e meses temos visto tempestades de areia em pleno Pantanal brasileiro, ondas de calor e de frio como nunca antes vistas, e temporais que matam às centenas de norte a sul do Brasil. A emergência climática é real, e crer que este é o melhor dos mundos possíveis não irá impedir a catástrofe.

Há ainda um outro elemento importante a considerar: a desdita afeta a todos, mas não a todos igualmente. Há quem possa pagar para refugiar-se do calor em casas e veículos climatizados. Há quem possa refugiar-se das enchentes morando em seletos arranha-céus. Mas o “grosso” da humanidade, a maior parte das populações de quase todos os países, padece e padecerá um calvário sem precedentes na história da humanidade se não acordarmos **agora**.

O panglossianismo é uma luva que cabe perfeitamente nas mãos lavadas dos privilegiados. Se não nos movermos, nenhuma divindade nos salvará da arapuca que nós mesmos criamos.

Ao concluir este texto, me vem à mente um trecho do livro “Walden”, de Henry David Thoreau:

“Talk of heaven, ye destroy Earth!” – “Falaís do paraíso, mas destruíis a Terra”.

---